

## UNIDADE 17 – 30/06/2016

**Reflexões para o ensino-aprendizagem da história do Rio de Janeiro**Andreia Prestes<sup>i</sup>

Neste texto vamos fazer algumas reflexões a respeito das estratégias para o ensino da história do Rio de Janeiro, partindo dos sujeitos da história local. Acreditamos que compreender o espaço onde se vive, suas histórias e conhecer alguns de seus habitantes contribui para que as crianças reconheçam seu papel no mundo e se engajem na melhoria da sua cidade. Desde sempre, homens e mulheres sentem necessidade de explicar para si próprios sua origem e sua vida, e é esse processo de transformação o objeto de estudo da História. Na atualidade, ela dialoga com outros campos do conhecimento que estudam o homem, como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia e outras áreas, assumindo um caráter interdisciplinar. Também é importante retomar uma perspectiva presente nas Orientações Curriculares de História dos anos finais do Ensino Fundamental do município do Rio de Janeiro, segundo a qual o professor é também autor da sua aula, no sentido de que a constrói e reconstrói a partir dos saberes e das vivências que experimenta com seus alunos.

Trabalhar a história do Rio de Janeiro a partir de uma perspectiva da história local, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pode ser uma estratégia de ensino-aprendizagem bastante apropriada para a fase de desenvolvimento em que os alunos dessa etapa estão. “Trata-se de uma forma de abordar a aprendizagem, a construção e a compreensão do conhecimento histórico a partir de proposições que tenham a ver com os interesses dos alunos, suas aproximações cognitivas e afetivas, suas vivências culturais; com as possibilidades de desenvolver atividades vinculadas diretamente com a vida cotidiana, entendida como expressão concreta de problemas mais amplos.”<sup>ii</sup> São estratégias que contribuem para a construção de identidades de si mesmo e do seu redor, levando-os a perceber o quanto há de História em suas vidas.

Ao professor cabe compreender a importância do seu papel e a responsabilidade social que assume nessa função: é aquele que faz a intermediação entre o patrimônio cultural da humanidade e os saberes dos alunos; é também aquele capaz de transformar as informações acessadas com facilidade pelos alunos no mundo digital em conhecimentos, em análises sobre a realidade, e de promover uma reflexão que desconstrua estereótipos e deixe de lado preconceitos<sup>iii</sup>. Por isso a importância de se assumir pesquisador, trazer dados novos, textos literários, pinturas, biografias,

**UNIDADE 17 – 30/06/2016**

letras de música e outras fontes históricas, que possam enriquecer a reflexão dos alunos acerca da cidade do Rio de Janeiro e, mais especificamente, acerca do bairro onde vivem.

A cidade do Rio de Janeiro tem uma característica bastante peculiar, que a diferencia de outras grandes cidades brasileiras: o fato de ter sido capital do vice-reino, capital do reino, ter abrigado a corte imperial, ter se tornado a capital federal e a expectativa de ser uma cidade moderna tão presente no imaginário das primeiras décadas do século XX. Nessa perspectiva, diferenciar cada momento, identificando na cidade seus vestígios, e compreender as diferenças e desigualdades a partir da vida cotidiana – como, por exemplo, as funções que as pessoas exerciam, os lugares onde moravam ou as formas de sociabilidade – são aspectos que aproximam o aluno da História. Uma outra estratégia é comparar o passado com o presente, identificando mudanças e permanências, mas com o cuidado de não aderir a um discurso de nostalgia.

Estruturamos a nossa apresentação a partir de três eixos: as Vozes da Cidade, as Vozes Coletivas e as Vozes Plurais. No primeiro eixo – Vozes da Cidade – apresentamos dois habitantes da cidade e procuramos, a partir das suas histórias pessoais, compreender uma época. Nesse sentido, escolhemos aqui trabalhar com Chiquinha Gonzaga e Lima Barreto. A primeira, tanto pela importância da sua obra como pela sua luta pelas liberdades e enfrentamento da opressora sociedade patriarcal; já Lima Barreto, por produzir uma literatura desvinculada dos padrões tradicionais e retratar as injustiças sociais e as dificuldades nos primeiros anos da República. Há que se ressaltar que ambos descendem de escravos. Chiquinha Gonzaga, especificamente, foi retratada em uma série de televisão com um padrão estético bastante diferente do que ela representa. Isso diz muito dos preconceitos que persistem nos tempos atuais.

No segundo eixo – as Vozes Coletivas – tratamos de duas revoltas populares importantes: a Revolta da Vacina e a Revolta da Chibata. Para entender melhor o contexto de eclosão dessas revoltas, é importante situar as questões pelas quais passavam a cidade no início do século XX, a partir do conceito de modernização conservadora. Então capital da República, a cidade do Rio de Janeiro teve o seu centro reconstruído. De velha cidade colonial, com ruas estreitas e insalubres, passou a moderna capital, nitidamente inspirada em Paris e em seus planos de urbanização. No entanto, muitas pessoas foram expulsas de suas casas para dar passagem ao chamado

**UNIDADE 17 – 30/06/2016**

“progresso”. Derrubaram-se os cortiços, ergueram-se belos edifícios, construiu-se, enfim, um cenário para as elites. Sobrou o povo, que era a principal vítima desse processo denominado “modernização conservadora”. Nesse cenário, iniciou-se o saneamento da cidade, planejado e executado por Oswaldo Cruz, médico sanitarista. Males como a peste bubônica, a malária e a varíola atingiam os moradores da cidade, e era necessário combater essas doenças. Em outubro de 1904, foi aprovada uma lei que instituiu a vacinação obrigatória contra a varíola. Foi o estopim para a Revolta da Vacina. As ruas e avenidas elegantes foram tomadas de assalto. Barricadas foram erguidas, e durante uma semana a capital da República foi palco de violentos combates, até que as forças da polícia e do Exército conseguiram reprimir os revoltosos.

Outro movimento importante, que ajuda a entender a cidade no início do século XX, foi a Revolta da Chibata. Os marinheiros de baixa patente – muitos negros e analfabetos – estavam submetidos a um velho regimento disciplinar que, entre outros exageros, previa castigos corporais violentos com a utilização da chibata, inclusive para infrações leves. Sob o comando de João Cândido, o Almirante Negro, cerca de 2.300 marujos – um número bastante significativo – sublevaram-se, ameaçando bombardear a cidade do Rio de Janeiro. Como os rebeldes tinham um grande poder de fogo, o governo aceitou estabelecer negociações, determinando a entrega dos navios em troca do perdão aos líderes do movimento e da promessa de discutir a abolição dos castigos na Marinha. Entretanto, desrespeitando a anistia concedida anteriormente, os líderes da Revolta da Chibata foram presos. Poucos sobreviveram aos maus-tratos e aos trabalhos forçados na Amazônia.

Essas revoltas ajudam a refletir sobre a importância da participação popular na história da cidade, desconstruindo o mito do brasileiro cordial, que aceita passivamente a imposição das mudanças. O terceiro eixo – Vozes Plurais – está voltado para uma reflexão acerca da história dos bairros da cidade e de seu processo de ocupação. Os bairros mencionados na apresentação foram escolhidos de forma aleatória, e a intenção é, como colocado no início deste texto, trabalhar na perspectiva da história local, promovendo a reflexão acerca da cidade plural, que tem origem nos movimentos sociais e nas manifestações que asseguram a todos o direito à cidade. Nesse sentido, falamos um pouco da constituição do Jacarezinho, comunidade localizada na Zona Norte do Rio. Segundo relatos de moradores, as terras pertenciam a um fazendeiro e foram ocupadas por pessoas que vinham de diversas regiões da cidade ou mesmo do país, em busca de melhores condições de vida. Diante da ocupação, as terras foram compradas por Getúlio Vargas, na década

## UNIDADE 17 – 30/06/2016

de 1950. Uma das ruas principais, que corta a comunidade, recebe o nome da então primeira-dama, Darcy Vargas. Esse evento, que faz parte da história local, se conecta com a história do país e pode tornar o seu estudo mais próximo dos alunos dessa região. Essa abordagem significa também privilegiar a vida social e contemplar o maior número possível de experiências.

Esperamos que esse material possa contribuir para as reflexões sobre o ensino da história do Rio de Janeiro, ampliando a compreensão da importância de se estabelecer um relacionamento crítico com o mundo, no qual a cidade é percebida ao mesmo tempo como um direito de todos e um bem coletivo. Por isso, é dever de todos contribuir para o seu desenvolvimento.

## Referências:

CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MONTEIRO, Ana Maria (Org.) *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Faperj, 2004. p. 190.

KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008.

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/revolta-da-chibata-100-a>

<http://chiquinhagonzaga.com/wp/nos>

---

<sup>i</sup> Graduada, licenciada e mestre em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi professora dessa disciplina nas Redes Municipal e Estadual do Rio de Janeiro e em escolas privadas da cidade. Atualmente, atua com Educação na área de responsabilidade social.

<sup>ii</sup> Monteiro, Ana Maria (Org.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Faperj, 2004. p. 190.

<sup>iii</sup> Cf. Karnal, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008.